

PETROLÂNDIA VELHA: ENTRELACES DA MEMÓRIA E FIAÇÕES HISTÓRICAS

Laíze Siqueira Silva¹

Resumo: A ideia de pertencimento a um lugar, ou talvez a um território, por vezes, se torna algo muito significativo na vida de pessoas ou sociedades inteiras. Objetiva-se com esse projeto analisar o deslocamento territorial e suas consequências na vida social, econômica e cultural dos sujeitos de Petrolândia Velha em Pernambuco, com base nas memórias da “Antiga Cidade” inundada pelas águas do Rio São Francisco, em consequência da construção da usina hidrelétrica “Luiz Gonzaga”. Uma ação em que se percebe o uso do poder em favorecimento dos interesses capitalistas e o desprezo pelas camadas populares e seus modos de vida. O estudo será realizado através de dados colhidos em pesquisa bibliográfica e a história oral de Petrolândia Velha. Logo, os dados informativos sobre a história da cidade serão coletados a partir de entrevistas, vídeos, coletânea de fotos e visitas a ambientes que preservam objetos da velha cidade, para que se possa ter o máximo de aproximação com os fatos. Esse trabalho tem como aporte teórico: Edil Silva Costa, Deleuze e Guatarri, Giorgio Agamben, Silviano Santiago, Jessé de Souza, entre outros. Entretanto, vale salientar que os primeiros contatos deixam entrever que o afastamento de seu território de origem constitui-se algo contundente por se tratar não apenas de uma mudança espacial, mas a interrupção de uma história arraigada na mente e no coração dos sujeitos ribeirinhos.

Palavras-chave: Narrativas. Territórios. Cidade Velha.

INTRODUÇÃO

Falar do caminho traçado, ou da trajetória acadêmica rumo às realizações ou conquistas tão almeçadas, torna-se até um tanto emocionante, por olhar para trás e perceber que longos caminhos já foram percorridos, embora, muitos outros, quem sabe até mais íngremes, ainda estão por desbravar; no entanto, apesar das dificuldades, não vale a pena desistir, porque o valor das perdas é significativo, é muito mais sensato e compensador enfrentar o que vem pela frente. Assim sendo, tentarei mostrar, ainda que de forma bastante principiante, o meu acesso às atividades como pesquisadora.

Então, após a conclusão da Graduação em Letras com habilitação em Português/Inglês no ano de 2012, em que pude assistir aulas com o Professor de Literatura Raul Ferreira, que muito nos incentivou à crítica literária, dei continuidade aos estudos no ano seguinte, realizando a Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco – CESVASF, na cidade de Belém do São Francisco - PE. Logo que conclui a graduação, fui convidada pela Instituição para trabalhar como professora substituta, onde dentre outras, lecionei a disciplina “Literatura Africana”, que muito contribuiu posteriormente para o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação e Crítica Cultural – Pós-Crítica.

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Edil Silva Costa. Endereço eletrônico: laizesiqueira@hotmail.com.

Concluída a Especialização de que falei anteriormente, passei a ensinar na Faculdade Sete de Setembro – FASETE, em Paulo Afonso – BA, onde ainda leciono como professora do curso de Letras. Assim, cresceu não só o desejo como também a necessidade de continuar me especializando; deste modo, parti para o mestrado. E daí, encontrar o objeto que se tornaria o ponto principal de pesquisa é fundamental para o acesso, permanência e conclusão desta nova etapa de vida acadêmica.

TRAJETÓRIA: ENCONTRO COM O OBJETO DE ESTUDO

Fiz a inscrição para aluna especial em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campos II – Alagoinhas – BA durante dois módulos, isto é, cursei duas disciplinas da Linha II: “Políticas de Letramento” com a Professora Dr.^a Cláudia Martins e, “Linguagens na Sala de Aula” com as Professoras Dr.^a Nazaré Lima e Dr.^a Lícia Barbosa, já que pensava em continuar com a temática trabalhada na especialização, “O Letramento no Processo da Produção Textual”.

No entanto, uma coisa me inquietava, a história de Petrolândia Velha – PE, sendo ainda mais fomentada nas aulas de Políticas de Letramento, quando foi trabalhado o filme ‘Narradores de Javé’, de Eliane Caffé, que dialoga extremamente com a história dos moradores de Petrolândia, em que numa mímese da realidade, os habitantes lutam para salvar o povoado de Javé de uma inundação, também proveniente da construção de uma barragem. Deste modo, teriam que comprovar a posse das terras, produzindo documentos científicos comprobatórios que validassem suas origens, seus antepassados como donos daquelas terras. Porém, sem sucesso, tiveram que ser transferidos do seu chão.

Sou paraibana, casada com um petrolandense. Desde que passei a morar na “nova” Petrolândia, em conversas com ribeirinhos, não só familiares, mas alguns outros remanescentes da “Antiga Cidade” percebi a consideração de perda e a demonstração saudosa com que rememoram a vida de outrora. Alguns colecionam vídeos, fotos, objetos e, até as ruínas da catedral que pontilha o lago que banha a Nova Petrolândia, tornou-se o cartão postal da cidade. Esse saudosismo está expresso em poemas, em músicas e muitas outras formas de declarações. Posso citar, dentre muitos outros, o poema:

Petrolândia, nós te amamos²
Que felicidade falar da velha cidade
Relembrar das boas recordações
Da infância... das escolas... das amigas
Do belíssimo rio São Francisco
Da grandeza... da riqueza... da Natureza

² MELO, João Bosco de. (01/07/2017). Disponível em: <<http://www.assisramalho.com.br/2017/07/petrolandia-nos-te-amamos-homenagem-de.html?m=0/>>.

Petrolândia dos nossos corações.

Da rua da Linha, do Clube Piçarrinha,
Da inesquecível Igreja Matriz
Do Padroeiro São Francisco de Assis
Da presença de Gilberto do Parque Lima
Das manhãs de setembro... das alvoradas
Do céu azul tão bonito... que faz recordar
O grande artista denominado Ruy Sá.

Êta! Petrolândia amada
Do Cruzeiro... do Shell... da cachoeira
Do campo de aviação e seu Armandão
Da radiante Neguinha do Restaurante
Do cais do porto... do trem... da estação
Dos estádio... o Hiltão e Gameleira
Da Unsina e da família de "Edson Madeira".

Petrolândia da Pop Discos de Mauro
Terra boa... do cinema de Valmir
Lembrando dos anos oitenta
Do show do ano de Waldick Soriano
Do ator e humorista... Arnoud Rodrigues
Que era um grande serra talhadense.
Petrolândia do vivaz Jadilson Ferraz.

Do grupo musical Happy Men de Josemir
Do grupo Novo Eskema de dona Marieta
Do Clube Grêmio Lítero Recreativo...
Da rua da Frente... de seu Valter da farmácia
Da praça ornamentada Antônio Correia
Da bonita rua Gonçalves Dias
Aonde eu morei e jamais esquecerei.

Saudade da velha cidade
Lembranças da velha Barreiras
Petrolândia das festas juninas
Do São João na casa de seu João Coringa.

Petrolândia de um povo festivo
Dos carnavais do folião Pantaleão
Do bloco avenida... da bonita multidão
Do campo o Poeirão... do Letreiro e do Areião
E um forte abraço pra Turma do Tacho.

Lembrando do showmício
E da grande cantora Amelinha
Ao lado do Clube O Piçarrinha
E da música *Foi Deus que fez você*.

Resumindo e finalizando
Com em Deus... Até para o ano
Parabéns, Petrolândia-PE
Pelos seus 108 anos.
Nós te amamos!

Autor: João Bosco de Melo (01/07/2017)

Outrossim, trabalhando com alunos do 8º Ano em 2014, na Escola Municipal 07 de Setembro, desenvolvendo as atividades destinadas à preparação para as Olimpíadas de Língua Portuguesa, com a temática “O lugar onde vivo”, em que foi trabalhada a leitura e produção textual do “Gênero Memória”, também visitamos o espaço “Trupé Cultural”, onde estão expostas fotos, objetos, artigos diversos, provenientes da antiga cidade. Os alunos ainda realizaram atividades de entrevistas a familiares, contação de histórias, entre outros trabalhos. Isso acendeu ainda mais a curiosidade de pesquisar sobre a vida na cidade velha, o processo de inundação (continuando no tópico seguinte), a história, e registrar as memórias dos indivíduos moradores deste município.

Assim, surgiu o Projeto de Pesquisa “Petrolândia Velha: Entrelaces da Memória e Fiações Históricas”. E, em cada leitura feita, desde o momento que entrei como aluna especial, ainda que, cursando a princípio, disciplinas da linha II, fui instigada a pensar sobre o assunto, aflorando em minhas análises a crítica cultural.

Passando pelas aulas de Teoria Literária, com destaque dos autores Terry Eagleton e Raymond Williams, ambos pensadores da cultura popular, permitiram-me pensar as memórias a partir das modificações realizadas pela cultura, na cultura e na natureza do lugar de origem de cada indivíduo. Como também, nas aulas do Professor Osmar Moreira e da Professora Neuma Paes, que dentre tantas discussões, promovem a crítica sobre “democratização no Brasil” e sobre “como o país se deixa manipular pela elite”, que me faz analisar o motivo pelo qual a cidade que pesquiso foi inundada.

Em seguida, veio o olhar de minha orientadora, fazendo-me refletir e definir claramente o Objeto de Pesquisa.

Em toda essa trajetória, as informações adquiridas consistem em um constructo de ideias que vão chegando às vezes vagamente, outras vezes em turbilhões de fragmentos, que necessariamente, devem ser condensados e relacionados com o objeto, que passo a passo vai criando *corpus*, criando forma. E, conseqüentemente, vamo-nos firmando como críticos literários.

UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O OBJETO DE PESQUISA

As submissões a que são passadas o projeto de pesquisa vai simultaneamente promovendo transformações e tomando caminhos que estreitam a relação com o objeto de estudo, ou seja, vai tornando-o mais específico.

A primeira exposição do meu anteprojeto, após a entrevista, foi na aula de Metodologia Científica. Ele trazia o Título “A Desterritorialização na História e na Ficção: Memórias de Petrolândia Velha em diálogo

com o filme “Narradores de Javé”.” Até então, eu pensava a desterritorialização como foco de pesquisa, no entanto, o Professor Osmar Moreira começou o desmonte, dizendo que o meu objeto era “Petrolândia Velha”.

Passado também pelo crivo da Orientadora a Professora Edil Silva Costa e do Professor Arivaldo Lima, na reunião do Grupo de Pesquisa Nutopia, muitos outros questionamentos foram levantados sobre o objeto de estudo, como por exemplo, o que se deve pesquisar; o que se pretende alcançar com as entrevistas que provavelmente sejam realizadas.

Outra orientação feita por ela, é que, o filme não necessariamente faz parte do objeto, podendo apenas ser citado como referencia. E assim, o processo de estudo vai caminhando no intuito de concluir um rentável trabalho de arquivo de memória, já que poucos registros se têm grafado acerca dessa história.

Assim, por ocasião do Seminário Interlinhas, as Professoras M^{re} Anória de Oliveira e Nelma Paes confirmam a orientação e, passo a trabalhar o tema “Petrolândia Velha: Entrelaces da Memória e Fiações Históricas”, como já citado anteriormente.

O que sei a principio, é que os habitantes desta antiga cidade pernambucana, dantes localizada no submédio São Francisco, no ano de 1988, receberam a bombástica notícia por intermédio da Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF, que todo o território municipal seria inundado por consequência da construção da usina hidroelétrica “Luiz Gonzaga”.

Assim sendo, todos os moradores deveriam abandonar tudo que até então havia sido construído por algumas gerações antepassadas, como também por eles próprios. Logo, O exílio acontece, levando consigo o sentimento de perda, as marcas de uma cultura arada, plantada, semeada no âmago dos exilados, que ainda carregam em suas lembranças a viva memória de outrora.

Portanto, o suposto desenvolvimento visado para a região parece lembrar uma espécie de colonização, que não inundou apenas o sitio histórico, mas também o passado histórico desse povo.

ARTICULAÇÃO DO OBJETO COM ALGUNS APORTES TEÓRICOS

Pensando a história de Petrolândia, bem como de outras tantas cidades que foram também inundadas por consequência da construção de barragens, em nome de um progresso que se quer pensou nos impactos ambientais, nem tão pouco nos danos e mágoas causados aos ribeirinhos moradores destas comunidades, surgem os questionamentos: Até que ponto democracia é democracia? Será que em nome da democracia é aceitável burlar o direito do outro em busca de interesses convencionais ou de uma parcela que visa interesses próprios?

Há um dito popular que diz: “O meu direito acaba quando o direito do outro começa”. Ou será que nos fazemos de desentendidos, buscando muitas vezes não o bem comum, mas aquilo que irá nos beneficiar de alguma maneira, e assim, desrespeitamos ou minorizamos o que é do outro, sem avaliar os males causados por nossas iniciativas?

Vale salientar aqui, o questionamento feito por Silvano Santiago no texto “Democratização no Brasil – 1979-1981” (Cultura versus Arte)³ : “Quando é que a cultura brasileira despe as roupas negras e sombrias da resistência a ditadura militar e se veste com as roupas transparentes e festivas da democratização?”. Talvez sejam estas “roupas festivas da democratização” que procuro achar, quando vejo a ideia de progresso estendida pela desapropriação do território que parecia ser dos ribeirinhos de petrolândia, como também de mais de um milhão de pessoas que já foram atingidas pela construção de barragens no Brasil, perdendo suas terras, expulsas de seus locais de vida, sem direito a optarem por proteger os seus bens. É o que nos passa a música “Recordações” do cantor e compositor petrolandense, Rui Sá, que além de revelar a saudade sofrida, faz uma crítica ao motivo do acontecimento:

Recordações⁴
Rui Sá
Temos às margens de um rio Petrolândia
Cidade que um dia esse nome bonito se deu
Famílias que tiveram seus filhos assim como eu
Petrolândia
Um dia chegou bem mais forte a força do progresso
Falando primeiro e mais alto do que a própria razão
Sangrando e desmarcando o compasso do coração
Petrolândia
Em cada manhã de setembro quando eu acordar
Lembrarei de uma banda tocando alvoradas no ar
O céu todo azul tão bonito
Gente querendo olhar
Bandeiras, crianças, desfiles
E um hino pra se cantar
Petrolândia
Levo guardado na mente
Lembranças que serão permanentes
Recordações
Quantas emoções
Petrolândia
Petrolândia

³ SANTIAGO, Silvano. “Democratização no Brasil - 1979-1981. (Cultura versus Arte) – (p. 1). Disponível em: www.reggen.org.br/midia/documentos/democratizacaonobrasil.pdf.

⁴ SÁ, Rui. Recordações (cantor e compositor: Rui Sá). Disponível em: <http://www.assisramalho.com.br/2014/06/petrolandia-morre-o-cantor-e-compositor.html>.

Dentro desta perspectiva, para Jessé de Souza, no livro “A Tolice da Inteligência Brasileira” (2015, p. 9-10), “Indivíduos e classes sociais inteiras têm que, efetivamente, ser feitos de “tolos” para que a reprodução de privilégios tão flagrantemente injustos seja eternizada”.

É compreensível, portanto, que isso não apenas se restrinja a perdas materiais, mas a uma memória que perpassa, transcende o plano do aspecto físico e reflita em uma representatividade do “ser”, que a partir desse deslocamento não será mais o mesmo, embora, não consiga se desvencilhar completamente de sua história, a conduz para a construção de uma nova trajetória, tendo que conviver e enfrentar as consequências que provavelmente advenham.

Como no caso destas cidades, que se quer, foram cumpridos os projetos prometidos. A população chegando a ser transportada antes que fosse instalado necessariamente o saneamento básico, as ruas asfaltadas, dentre outros serviços que eram indispensáveis ao recebimento da população. Lembro-me que quando cheguei a Petrolândia no ano de 1999, a orla que circula as margens do Rio São Francisco era um matagal sem asfalto em que corriam alguns esgotos da cidade para o rio, e a orla propriamente dita, fora apenas construída posteriormente pelo governo municipal.

É possível que muitos munícipes da antiga cidade tenham sido facilmente ludibriados a acreditarem que a transposição para a nova cidade era sinal de progresso a esta comunidade, ideia esta que faz jus a pressupostos de uma cultura capitalista manipulada pelo Estado. Assim, abandonar todo um constructo de vida em troca de uma “nova civilização”, idealizada, construída pela cultura hegemônica, a cultura do outro, revela ainda mais que:

A reprodução de todos os privilégios injustos no tempo depende do “convencimento”, e não da “violência”. Melhor dizendo, essa reprodução depende de uma “violência simbólica”, perpetrada com o consentimento mudo dos excluídos dos privilégios, e não da “violência física” (SOUZA, 2015, p. 7).

Isso se configura em uma ordem política que modela o humano em uma configuração passiva, súdita, capaz de aceitar e muitas vezes se acomodar, acreditando não ter como lutar contra o poder que favorece os interesses capitalistas, desprezando as camadas populares e seus modos de vida. Que democracia é essa? Que progresso é esse? E, depois de ser transportada para o lugar idealizado, qualquer mínima solução empreendida pelo estado a esta comunidade, é realizada como se estivesse fazendo um favor, e, estes sujeitos passam a ser considerados um problema, sempre necessitando da ajuda do poder dominante.

Muitos privilégios acabam sendo reservados para poucos, poucos ostentam o poder e governam, e ditam, e se beneficiam com os bens dos outros, vão sempre terceirizando, passando a culpa adiante para não justificarem o acúmulo de suas riquezas ilícitas, “por exemplo, de que os problemas brasileiros não vêm

da grotesca concentração da riqueza social em pouquíssimas mãos, mas sim da corrupção apenas do estado” (SOUZA, 2015, pág. 08, 09). E, em forma de um conhecimento elaborado por mentes intelectuais:

Retira-se dos indivíduos a possibilidade de compreender a totalidade da sociedade e suas reais contradições e conflitos, os quais são substituídos por falsas questões. A fragmentação do conhecimento serve aos interesses dos que estão ganhando na sociedade, já que evitam sua mudança possível. A ação da mudança, a capacidade moral e política de escolher caminhos alternativos pela vontade de intervir no mundo, pressupõe “conhecimento do mundo” para não ser “escolha cega” (SOUZA, 2015, p. 14).

Entende-se, que isso acontece por meio da linguagem, “que por sua vez, serve para manifestar o conveniente e o inconveniente, assim como o justo e o injusto; isto é próprio e exclusivo dos homens perante os outros viventes, o ter a sensação do bem e do mal, do justo e do injusto” (AGAMBEN, 2005, p. 15). Nisso, a linguagem pode ser notada com uma espécie de poder, e que, quem sabe o convencimento quanto à saída da cidade submersa, embora traga tanta saudade, para alguns fora acentuado de forma tão forte que estas pessoas sofrem a perda, no entanto, aceitando que tinha que ser assim mesmo.

Por outro lado, partindo do processo de readaptação de reconstrução territorial ou reterritorialização, para DELEUZE e GUATTARI (1997, p. 224) “A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual “se” abandona o território. É a operação da linha de fuga.” No entanto, estes escritores também acreditam que “[...] A D pode ser recoberta por uma reterritorialização que a compensa, com o que a linha de fuga permanece bloqueada; nesse sentido, podemos dizer que a D é negativa”. É possível ser compreendido, portanto, que o encontro com o novo provoque realmente impactos desagradáveis, desconfortáveis, pois o diferente sempre causa estranheza.

Tenho bastante interesse em conhecer tudo isso de maneira mais aproximada e envolvente durante a pesquisa. Como diz a Professora Edil Costa⁵:

Seja na caixa de sapatos, seja em sacos plásticos [...] Esse passado, muitas vezes traduzido em objetos, quinquilharias, mas também em imagens, manuscritos e impressos é parte do sujeito e revela sua história. Desejo de preservação de uma memória, de uma época, fragmentos de vida dessas pessoas que, por pertencerem a classes populares e com poucos recursos materiais, encontram formas às vezes peculiares de manutenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho revela em partes as experiências vividas, principalmente, no Programa em Crítica Cultural, mostrando um pouco o caminho percorrido por estes momentos de intensa dedicação, pois,

⁵ COSTA, Edil Silva. Arquivos do pobre: considerações sobre culturas populares, memórias e narrativas. (Pós-Crítica/UNEB).

embora não tenha registrado anteriormente, pretendo mencionar, que as dificuldades não foram poucas para chegar até aqui.

No entanto, caminhar em busca dessas narrativas imprime marcas que estarão gravadas por toda vida. Além, da sensação agradável de poder colaborar com a perpetuação das memórias de minha cidade amada, que apesar de não constituir meu lugar de origem, acolheu-me de uma forma amável e com sua história tão inquietante, ganhou minha atenção.

Vale salientar, que tudo está em processo de materialização do que, até então, constitui-se apenas projeto.

Demonstro também, a busca enquanto pesquisadora, aprendendo a desenvolver o senso crítico, lançar um olhar mais aguçado sobre o objeto, às vezes até me envolvendo emocionalmente, por perceber que as águas não submergiram apenas o material, o concreto, desta população...

Embora:

“De tudo, restam-lhes apenas memórias”.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*/ Giorgio Agamben; tradução de Henrique Burigo. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- COSTA, Edil. *Arquivos dopobre: considerações sobre culturas populares, memórias e narrativas*. In: Arquivos, testemunhos epobreza no Brasil, p. 51-62.
- MELO, João Bosco de. (01/07/2017). Disponível em: <http://www.assisramalho.com.br/2017/07/petrolandia-nos-te-amamos-homenagem-de.html?m=0>
- SANTIAGO, Silvano. *Democratização no Brasil - 1979-1981. (Cultura versus Arte)* –. Disponível em: www.reggen.org.br/midia/documentos/democratizacaonobrasil.pdf
- SÁ, Rui. *Recordações* (cantor e compositor: Rui Sá). Disponível em: <http://www.assisramalho.com.br/2014/06/petrolandia-morre-o-cantor-e-compositor.html>
- SOUZA, Jessé. *A Tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite* / Jessé Souza. – são Paulo: LeYa, 2015.